



O livro e o capital: o reflexo do desenvolvimento econômico na produção livreira da Fortaleza oitocentista.

Rafaela Gomes Lima*

O crescimento econômico de Fortaleza

Nas últimas décadas do século XIX, o Ceará passou por grandes transformações, que o atingiram em diversas áreas: econômica, de infraestrutura, social e política. Isso fez com que esse período tenha sido um dos mais marcantes da história do Estado¹.

Transformações estruturais ocorreram na Província, transformações essas que podiam ser mais bem observadas na Capital, já que era o centro das atividades econômicas e político-administrativas. Fortaleza é dotada dos mais diversos aparatos urbanos, tais como sistema de canalização de água (1867), bondes (1880) e telefone (1883), além de passar por uma remodelação com a melhoria de suas ruas e praças, além da inauguração do passeio público na década de 1880(PONTE, 2001).

Isso foi possível graças ao desenvolvimento econômico pelo qual a cidade passou, sobretudo após o incremento da lavoura algodoeira e sua maior integração aos mercados internacionais. O avanço da produção agropecuária, então, será a base para o futuro desenvolvimento do capital no Ceará, pois segundo Lemenhe (1991), o binômio algodão/pecuária se revigora nesse momento impulsionando a economia da Província, o que afeta principalmente sua capital, que se transforma no principal entreposto comercial cearense, sobretudo no que se refere às exportações de algodão. A cidade é dotada de armazéns, casas comerciais e até fábricas para o beneficiamento do produto, e, posteriormente, uma fiação, de propriedade de Thomaz Pompeu (PONTE, 2001). Outras fábricas foram instaladas na cidade sempre aproveitando como matérias-primas os produtos da produção agropecuária local (AMORA, 1994).

Porém, a atividade comercial teve importância mais significativa no crescimento econômico fortalezense, principalmente no que se refere à entrada do capital estrangeiro. As

*Especialista em História do Brasil e Aluna do Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará.

¹ Acerca do modo como se deram essas transformações ver: GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará**. - 4. ed. rev. e atual. - Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984. ; STUDART, Barão de. **Datas e factos para a história da Ceará**. op. cit.. & PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)** - 3. ed. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

casas de importação-exportação tiveram papel preponderante nesse processo (TAKEIA, 1995) e o comércio internacional só aumentava à medida que o século XIX se aproximava do fim. Conforme o Barão de Studart, 75 navios estrangeiros aportaram em fortaleza somente no ano de 1893 (STUDART, 2001).

Esse processo de inserção definitiva de Fortaleza no circuito do capital internacional acabou por provocar o surgimento de uma pequena classe burguesa que buscou se diferenciar do restante da população, seja pela promoção do aformoseamento da cidade e disciplinarização do espaço público e da população, seja pelo incentivo à educação de seus filhos, vendo na instrução um diferencial diante das classes populares, que por sua vez buscavam a ascensão social também por meio das letras, já que alguns tiveram acesso à educação diante das incipientes políticas educacionais no período.

Livros para quem? A instrução pública e a produção de livros.

O processo de inserção definitiva do Ceará e do Brasil no universo da cultura letrada foi prejudicado pela quase que total ausência de políticas educacionais durante o período da Colônia e boa parte do Império, sobretudo no que se refere à educação de primeiras letras (LAJOLO & ZILBERMAN, 1991). O acesso à educação foi, desde o período colonial, restrito a algumas parcelas da população e apenas em 1827 foi promulgada a primeira lei que regulamentava o ensino (VIEIRA, op.cit.). No Ceará, os números referentes à educação são inexpressivos durante boa parte de sua história. Em 1841, por exemplo, existiam “729 alunos nas escolas providas, e 101 meninas nas 4 para o sexo feminino. As aulas de latinidade, sete, com 49 estudantes.” (MOACYR, Apud VIEIRA, op.cit. p. 106-107). Uma pequena melhora pode ser observada durante o II Império, tanto a nível nacional, quanto provincial, o fato mais marcante para o Ceará no período foi a criação do Liceu em 1845, que vem representar um modelo de escola, sobretudo para os filhos das elites, mas também para aqueles que desejavam diferenciar-se dentro de sua classe.² Além do Liceu, outras iniciativas fomentaram o quadro educacional cearense à época, como a criação de novas cadeiras a abertura de escolas particulares e concessão de bolsas de estudo, segundo Thomaz Pompeu em 1860

² Segundo Hobsbawm: “A instrução escolar oferecia, acima de tudo, um bilhete de entrada para as faixas médias e superiores reconhecidas da sociedade e um meio de socializar aqueles que eram admitidos, de modo a distingui-los das ordens inferiores.” In: **A Era dos Impérios**. – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998. p. 247.

contavam-se 942 alunos matriculados nas escolas sendo, 1 Liceu com 8 cadeiras secundárias, 8 escolas primárias para meninos e 4 para meninas.³

No entanto, mesmo como esse reduzido número de estabelecimentos educacionais criou-se a possibilidade, sobretudo a partir da década de 1870, de socialização que reforçou laços de classe e uniu mentes moldadas em práticas culturais europeizantes. Também se observa que os jovens que frequentavam as escolas passaram perceber suas idéias em comum e passaram a se reunir em suas próprias associações. Ou seja, a partir da escola desenvolveu-se toda uma rede cultural, que junto com o avanço material, observado nas décadas finais do século XIX, proporcionou o desenvolvimento de uma classe intelectual na Província.

Era desejo dessa classe, tendo em vista seu ideal civilizador, que parcelas cada vez maiores da população tivessem acesso à cultura e para isso teriam que ter primeiro acesso à alfabetização. Foi com esse pensamento que os membros da Academia Francesa fundaram em Fortaleza a Escola Popular, com a proposta de educar o proletariado e que além das aulas de alfabetização promovia palestras nas quais discutiam os mais variados temas em voga na época. O incentivo à leitura também foi incrementado com a criação dos gabinetes de leitura tanto na capital onde foi fundado em 1875 o Gabinete cearense de leitura, como em cidades do interior tais como os Gabinetes de leitura de Granja, Pereiro, Barbalha, Camocim, Viçosa, dentre outros (BARREIRA, 1948).

Com o advento da República houve um aumento das iniciativas educacionais tanto por parte do governo (com o objetivo de criar uma educação cívica, a instrução voltada para a glorificação do Regime. O Decreto nº 171, de 23 de março de 1891 obriga a leitura da Constituição nas escolas.) como de particulares. No Ceará surgem as Escolas militares, como a Escola Militar do Ceará, e de educação profissional, como a Fênix Caixeiral (VIEIRA, op.cit.).

Esse incremento na área da instrução exigiu, desde suas primeiras iniciativas, a presença do livro didático que acabou se tornando um produto importante para o desenvolvimento tipográfico no Brasil, pois

É na área do livro escolar onde mais cedo se manifesta a exigência de uma produção editorial autóctone, ao menos nos conteúdos, ainda que, inicialmente, os livros sejam impressos fora do país. A carência de livros fez que o Brasil importasse

³ BRASIL, Tomás Pompeu de Souza. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará.** t 2.-Fortaleza, Tipografia B. de Mattos, 1894.(Edição digitalizada em www.books.google.com.br)

especialmente da França e de Portugal, os seus primeiros compêndios e cartilhas, mas logo tornou-se evidente a necessidade de nacionalização desses livros, especialmente os do ensino elementar.(BRAGANÇA, 2006, p. 553-563)

Não era apenas a nacionalização da produção, era um processo até mesmo de regionalização, ou seja, as Províncias passaram a produzir sua própria literatura didática (HALLEWELL, 1985), a falta de um mercado nacional de livros escolares e não adaptação dos concorrentes estrangeiros aos currículos locais fez com que esse segmento incrementasse a produção regional.

No Ceará, essa produção veio a crescer após a instalação do Liceu, que trouxe novos métodos, novas disciplinas e muitos professores escreviam seus próprios manuais, o que movimentava as tipografias da cidade. Muitos eram os compêndios de matemática, gramática, história, explicadores, silabários, enfim, a maioria voltada para o ensino primário e secundário como os *Elementos de arithimética de acordo com o programa de 1º anno do curso normal pelo professor capitão A. Duarte*, de A. Duarte Bezerra, publicado pela tipografia do Libertador em 1887.⁴

Mesmo sem ser a ideal a política de instrução pública cearense no século XIX ajudou a formar um público leitor proporcionalmente significativo, principalmente após a década de 1870. Nesse período a circulação e a obtenção do objeto impresso tornaram-se mais amplas e fáceis, houve uma diversificação do público e a exigência de impressos sobre os mais diversos assuntos, as revistas literárias e as voltadas para o público feminino ganham cada vez mais espaço, os mais importantes romancistas estrangeiros e nacionais passam a ter suas obras publicadas na Capital que também abrirá espaço para os autores locais que se valeram do avanço artístico e cultural do momento, bem como da existência do público leitor para fazerem conhecer seu talento para as letras e ampliar a produção livreira em Fortaleza.

Produzido no Ceará. As publicações de autores cearenses em Fortaleza.

A popularização do objeto impresso a partir do aumento do número de leitores o transformou em meio de informação, instrução e divertimento, para todos os tipos de pessoas,

⁴ **Catálogo das Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.** - Fortaleza: Secult, 1982. Consultado na Biblioteca do Instituto do Ceará.

inclusive aquelas que, devido sua posição social jamais se imaginaram com um livro nas mãos e por conta da expansão editorial, que proporcionou uma diminuição dos custos de produção, puderam ter acesso a esse bem. Na maioria das vezes os livros mais baratos faziam parte de coleções populares compostas de livros em brochura, um exemplo de coleção popular que se fez presente no Ceará foi a *Biblioteca do Povo e das Escolas*, compostas de livros de divulgação científica, com títulos como *Química orgânica*, *Aritmética*, *Geologia*, *Eletricidade*, *Zoologia*, *Mineralogia*, *O mar*, e que fazia sucesso nas livrarias locais (VENÂNCIO, 2004). No entanto, essas coleções “voltadas não para um público específico, mas sim “para todos os bolsos e gostos”, trouxeram á luz, primeiramente, títulos e autores aclamados pela crítica literária daquele tempo” (EL FAR, 2006, p. 32). Foi assim que vários autores se tornaram conhecidos do grande público.

Sendo assim, a chegada dos livros a uma parcela maior de público através, sobretudo da popularização do romance, gerou a ampliação do circuito dos livros e da leitura fomentando um mercado cada vez mais promissor, tanto para quem editava como para quem escrevia e no Ceará não seria diferente.

É inegável que o século XIX viu o grande salto das letras cearenses não só em quantidade, mas, também, em qualidade. Observa-se então o aumento do número de autores, não só de romancistas ou poetas, mas daqueles que detinham algum conhecimento que acreditavam merecia ser compartilhado, como médicos professores e profissionais de mais diversas áreas, e viram na palavra impressa uma oportunidade para isso (DARNTON, 2010; DAVIS, 1990). O século XIX promoveu o triunfo do autor, aqueles que se destacavam alcançavam fama, respeito, eram homenageados, tudo em virtude do sucesso de suas publicações. Dentre alguns desses autores podem ser citados Balzac, Victor Hugo, Dostoiévski, Flaubert; e no Brasil podem ser elencados nomes como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Aluísio Azevedo, Machado de Assis e outras dezenas que se destacaram durante todo o século e além dele.

No entanto, nem todos podiam chegar a esse status, como já fora dito anteriormente, ter um livro impresso não era tarefa das mais fáceis ou das mais baratas. Vários obstáculos se punham diante do aspirante a escritor, desde a falta de interesse de um editor pela obra até a real ausência de recursos financeiros para financiar a publicação, aqueles que não se

deparavam com segunda das situações citadas podiam ir direto a uma oficina tipográfica e pagar pela edição de seu texto manuscrito, mas obviamente esses eram a exceção, a maioria ou desistia ou ficava à mercê dos editores, como mais uma vez afirma Adolfo Caminha ao dizer que

Incontestavelmente uma das causas que muito influem no ânimo de nossos escritores, obrigando-os ao recolhimento, à vida obscura de autores inéditos, a uma espécie de ascetismo literário duas vezes prejudicial, roubando-lhes o estímulo e amesquinhando-lhes o talento, é o monopólio, a ganância, a desenfreada ambição do elemento editor. (CAMINHA. 1999,p. 119)

Mas, mesmo diante dos obstáculos a produção livreira no Ceará tomou corpo e as publicações se multiplicaram. Tomando como exemplo para fins estatísticos o Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel pode-se perceber, mesmo tendo em vista um número não muito grande de obras publicadas no Ceará, que houve um significativo aumento no número de publicações, pois na década de 1860 aponta três títulos, quais sejam: *Ensaio estatístico da Província do Ceará*, de Tomás Pompeu, de 1863; *Eclogas de Virgílio(traduzidas na língua portuguesa literalmente, palavra para uso dos principiantes)*, sem autor, de 1866; e *Esboço histórico sobre a Província do Ceará pelo Dr. Pedro Teberge*, de Pedro Teberge, de 1869. Já a década de 1890 apresenta dezessete publicações⁵, o que comprova o fato de que o processo de modernização pelo qual passou o Ceará a partir da década de 1870 favoreceu também o seu desenvolvimento artístico e cultural. Certamente os números de publicações não foram somente estes, mas como já foi dito, trata-se apenas de um exemplo para demonstrar esse aumento.

Além dos autores citados acima, vários outros como, Farias Brito, Juvenal Galeno, Paula Pessoa, João Brigido, Barão de Studart, enfim, tiveram suas obras consideradas importantes e avaliadas como chamativas para o grande público e rentáveis para os editores e assim ganharam aval de editores e puderam ser publicadas no Ceará, não precisando seus autores buscar reconhecimento em outras Províncias/Estados. A maioria, porém, contava apenas com as tipografias para imprimir seus livros estando de fora dos interesses dos editores.

⁵ **Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.** Fortaleza: SECULT, 1982. São citados nesse artigo apenas os livros cuja primeira edição se deu no Ceará.

Durante quase todo o século XIX a figura do editor se confundiu com a do livreiro (SILVA, 2009). Esse, inteirado do mercado, sabendo do gosto do público tendo por base a observação de suas vendas, sabia quais títulos e temas que eram mais vendidos e assim tinha razões para escolher esse ou aquele autor para editar já tendo a certeza do lucro.

Dentre esses livreiros - editores cearenses merecem destaque Joaquim José de Oliveira e Gualter Silva, que viram no mercado das letras um ótimo negócio, primeiro importando esses bens, muitas vezes atendendo aos pedidos de fregueses e, posteriormente editando aquelas obras de mais sucesso, sobretudo os romances nacionais e estrangeiros. A livraria Joaquim José de Oliveira & Cia. estava sempre repleta de novidades e que eram constantemente anunciadas nos jornais, muitas delas vindas do Rio de Janeiro ou mesmo direto da Europa chegando ao movimentado porto de Fortaleza. Já Gualter Silva

atuou não só como comerciante livreiro, mas em alguns momentos exerceu atividades de editor. Em 1884, levou para o prelo a sexta edição do livro Catecismo da diocese do Ceará. Na década de 1890, publicou o romance A fome (1890) de Rodolfo Teófilo, assim como a segunda edição da obra Lendas e canções populares (1892) de Juvenal Galeno. (SILVA, 2009, p.39-40)

Além desses nomes, algumas das agremiações literárias surgidas durante a década de 1890 passaram a editar os livros de seus membros criando suas próprias editoras como foi o caso da Padaria Espiritual e do Centro Literário. Observa-se então um crescimento do mercado local que exigiu que se passasse a editar em terras cearenses, e esses livreiros e principalmente as tipografias tiveram papel importante nesse processo, já que eram às tipografias que recorriam aqueles que não conseguiam convencer um editor de seu talento literário.

Desde o surgimento da primeira oficina tipográfica em Fortaleza em 1824, esse tipo de estabelecimento passou a fazer parte do cenário da cidade, tendo muitas delas funcionado por muito tempo, como a Tipografia Brasileira, a Cearense, a de Paiva e Cia. Eram responsáveis pela impressão de jornais, documentos governamentais e certamente, livros, que a partir do fim do século passaram a ser um produto abundante nesses locais. Segundo o Almanaque do Ceará, no ano de 1899 fortaleza contava com 9 tipografias, 8 oficinas de encadernação e 4 livrarias, ou seja, a cidade estava completamente dotada de equipamentos que possibilitavam a expansão da produção e da comercialização do objeto impresso.

Dentre as tipografias, aquelas que mais se destacaram por imprimir obras de autores cearenses estão a Universal, de propriedade de Cunha Ferro e Cia., responsável pela impressão dos livros da Padaria Espiritual e alguns do Centro Literário, e a Studart, de Guilherme Studart. Ao menos 16 obras constantes da Biblioteca da Padaria foram impressas na Universal e algumas delas chegaram a ter edições esgotadas como *Flocos* de Sabino Batista e *Versos diversos* de Antônio Salles, outras obras de destaque foram *Chromos*, de Xavier de Castro; *Phantos*, de Lopes Filho; *Os Brilhantes* e *Maria Rita*, de Rodolfo Teófilo, *Trovas do Norte*, Antônio Salles e *Dolentes*, livro póstumo de Lívio Barreto. Já do Centro Literário se teve acesso aos livros *Myrtos*, de Themistocles Machado e *Prismas*, de Rodrigues de Carvalho.⁶

Diante disso, observa-se que os grêmios literários além de promover a disseminação de uma cultura literária – ampliando o circuito de debates sobre o tema, inclusive possibilitando o acesso a ele das camadas mais inferiores da população urbana incentivando assim o hábito da leitura – ainda fomentou a produção livreira na Capital, pois seus membros não só discutiam literatura como também a produziam e queriam deixar seus nomes como autores, pois a maioria dos membros da Padaria, do Centro, da Academia Francesa, tiveram obras publicadas. Romances, poesias, livros de História como os de Capistrano de Abreu, de Crítica literária tais como *Crítica e literatura*, de Rocha Lima⁷, enfim, esses homens de letras fizeram o possível para deixar as suas letras escritas e lembradas.

As décadas finais dos oitocentos foram marcadas pela inserção do Ceará não só no circuito comercial internacional, mas também no circuito da produção literária nacional com obras que a partir de uma edição local se tornaram conhecidas, como as já citadas dos padeiros, do Barão de Studart, Oliveira Paiva, dentre outros.

Considerações finais

A publicação de livros dos autores cearenses por iniciativa de estabelecimentos locais significou além do aumento na demanda do mercado livreiro, o desejo de valorização da

⁶ As informações acerca da data de publicação, a editora, bem como a tipografia responsável pela impressão dos livros foram retiradas diretamente das obras mediante análise das mesmas que se encontram disponíveis para consulta no setor de Obras Raras da BPGMP. Tomaram-se por base apenas os exemplares de primeira edição.

⁷ O livro de Rocha Lima foi publicado no Maranhão

cultura local, fato que não era tão comum tendo em vista se tratar de um período no qual se observavam a apreciação dos valores culturais e civilizatórios estrangeiros que ganharam destaque diante da evolução da economia que promoveu a inserção de fortaleza no mercado internacional. Além disso, o impresso era uma forma rápida de disseminar ideais de mudança, muitos se utilizavam dos jornais e mesmo da literatura para denunciar as péssimas condições sociais nas quais vivia a maioria da população e para fortalecer campanhas como a abolicionista. No entanto, o campo editorial ainda era restrito, o que fragilizava essa atividade e mesmo com as diversas realizações no campo educacional ainda havia um longo caminho até se formar uma sociedade de leitores, mas mesmo com limitações foi possível a inserção do Ceará no circuito dos livros, desde a produção até as mesas de leitura e debate que passaram a fazer parte do cotidiano fortalezense nos últimos decênios do século XIX.

Referências

Almanaque Administrativo Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará. 1899. Confeccionado por João Câmara. Typografia Universal. 1899.

AMORA, Zenilde Baima. **Aspectos históricos da industrialização do Ceará.** In: SOUZA, Simone (Org.) História do Ceará. – Fortaleza; Fundação Demócrito Rocha, 1994.

BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense.** T. I. - Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1948.

BRASIL, Tomás Pompeu de Souza. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará.** t 2.- Fortaleza, Tipografia B. de Mattos, 1894.(Edição digitalizada em www.books.google.com.br)

CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias.** - Fortaleza: Edições UFC, 1999.

Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Fortaleza: SECULT,1982.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette:** mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo:** sociedade e cultura no início da França moderna. - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

- EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará**. -4. ed. rev. e atual. - Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984
- HALLEWEL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. - São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Impérios**. – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**. Livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As razões de uma cidade: conflito de hegemonias**. – Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.
- OLIVEIRA, João Batista Perdigão de. **A imprensa no Ceará**. Revista do Instituto do Ceará. T. 21, 1907.
- PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)** – 3. ed. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- SILVA, Ozângela de Arruda: **Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões Comerciais em Fortaleza (1870-1891)**. Dissertação (Mestrado em História e Teoria Literária). Campinas, SP: [s.n.], 2009
- TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil**. - Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.
- VENÂNCIO, Gisele Martins. **Lisboa – Rio de Janeiro – Fortaleza: os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por Davi Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues**. In: I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. 2004. Disponível em <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pd+/gisellemartins.pdf>>
- VIEIRA, Sofia Lerche. **História da Educação no Ceará: sobre promessas fatos e feitos**. – 1ª. ed. reimpr. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.